

Lawrence Durrell



O QUARTETO DE ALEXANDRIA

Justine
Balthazar
Mountolive
Clea

Romance



D. QUIXOTE

Prefácio 9

Justine 11

Parte I 19

Parte II 83

Parte III 127

Parte IV 185

Apêndices 203

Balthazar 211

Parte I 217

Parte II 293

Parte III 351

Parte IV 381

Dados consequentes 401

Locuções queridas de Scobie 405

Apêndices 406

Mountolive 407

Clea 673

Apêndices 899

Algumas notas para Clea
(escritas por Pursewarden) 900

Notas 903

∞
PREFÁCIO

Os quatro romances que constituem este grupo foram pensados para serem lidos como uma única obra sob o título coletivo de *O Quarteto de Alexandria*: um subtítulo convenientemente descritivo poderia ser «um contínuo de palavras». Na tentativa de encontrar a minha forma adotei, como analogia aproximada, o princípio da relatividade. Os três primeiros relacionavam-se entre si de forma intercalar, como «romances irmãos», e não como sequelas uns dos outros; só o último romance se propunha ser uma verdadeira seqüela e desencadear a dimensão temporal. O todo foi pensado como um desafio à forma sequencial do romance convencional: o romance temporalmente saturado dos nossos dias.

Num dos apêndices ao último dos quatro romances esbocei um certo número de formas possíveis de continuar a pôr em ação estas personagens e situações em novas configurações – mas com o único propósito de sugerir que, mesmo que prolongasse indefinidamente o grupo de livros, o resultado nunca seria um *roman fleuve*; ou seja, se o eixo da obra foi corretamente implantado, deverá ser possível partir dele em qualquer direção sem perder o rigor e a coerência da sua relação com «um contínuo».

Foi possível, para a presente edição, corrigir várias falhas detetadas por leitores e críticos, e também acrescentar pequenos trechos que foram eliminados dos livros originais na fase de manuscrito. As alterações não são muito grandes. *Balthazar* e *Mountolive* perdem meia dúzia de linhas de texto cada um. *Clea* ganha uma pequena secção e uma nova tradução de um poema de C. V. Cavafy.

L. D.
França, 1962



JUSTINE

NOTA

As personagens deste romance, o primeiro de uma série, pertencem inteiramente ao mundo da ficção, assim como a personalidade do narrador. Só a cidade é real.

Começo a crer que todo o ato sexual é um processo que envolve quatro pessoas. Voltaremos a falar deste assunto, pois há muito que dizer a esse respeito.

S. FREUD: *Cartas*

Há duas atitudes possíveis: o crime que faz a nossa felicidade, ou o nó enredio, que nos impede de ser infelizes. Pergunto-te, querida Teresa, se é possível hesitar, por um só momento, e que argumentação o teu espírito fraco é capaz de descobrir contra isto?

D. A. F. DE SADE: *Justine*

Para
EVA
estas memórias da sua cidade natal



PARTE I

O mar está novamente agitado hoje, com rajadas de vento que despertam os sentidos. Em pleno inverno, a primavera começa a fazer-se sentir. Toda a manhã o céu esteve de uma pureza de pérola; há grilos nos recantos sombrios; o vento despoja e fustiga os grandes plátanos...

Retirei-me para esta ilha com alguns livros e com a criança – a filha de Melissa. Não sei porquê, agora, ao escrever, penso nesta ilha como num «retiro». Os habitantes dizem por brincadeira que só um convalescente pensaria em vir procurar este lugar. Bem, para condescender, admitamos que sou um homem que procura curar-se...

Durante a noite, quando o vento ruga e a criança dorme sossegadamente na sua camita perto da chaminé, acendo uma lamparina e começo a andar para trás e para diante, com a mente cheia de recordações dos meus amigos: Justine, Nessim, Melissa e Balthazar. E, insensivelmente, na senda da memória, regresso à cidade onde as nossas vidas se entrecruzaram e desfizeram, à cidade que se serviu de nós como sua flora – embarçando-nos nos seus conflitos próprios e deixando-nos convencidos de que a trama das nossas paixões nos pertencia: à bem-amada Alexandria!

E foi preciso vir até tão longe para compreender! Vivendo neste promontório escavado, onde todas as noites Arcturo vem disputar-me às trevas, longe da poeira e dos relentos calcários das tardes de verão; compreendo agora que nenhum de nós é responsável pelo que se passou. É a cidade que deve ser julgada, embora seja sobre nós, os seus filhos, que recaia a punição.

Em suma, que é esta nossa cidade? Que se condensa sob o nome de Alexandria? Num relance, os olhos proporcionam-me a imagem de milhares de ruas poeirentas. Atualmente, as moscas e os mendigos são os donos

da cidade – juntamente com aqueles que se deliciam com uma existência intermédia.

Cinco raças, cinco línguas, uma dúzia de credos; cinco esquadras cruzando os seus perfis refletidos sobre as águas oleosas do porto. Mas existem mais de cinco sexos e apenas as subtilezas linguísticas do grego demótico nos proporcionam os cambiantes diferenciais. O capital sexual que se esbanja em oferta abundante surpreende pela sua variedade e profusão. E, contudo, não é um lugar de prazer. Os amantes simbólicos do mundo grego cedem lugar a algo subtilmente andrógino e diferente, introvertido. O Oriente não pode desfrutar da doce anarquia carnal – porque o Oriente está para além do corpo. Recordo-me de ter ouvido a Nessim certo dia – creio que o tinha lido em algum lugar – que Alexandria era o grande lagar do amor; os que escapavam eram os doentes, os solitários, os profetas, enfim, todos aqueles que tinham o sexo mutilado.

Apontamentos paisagísticos... Prolongados acordes de cor. A luz a filtrar-se através da nuvem perfumada que afoga os limoeiros. No ar, em suspensão, a poeirada vermelha dos tijolos, e o relento do asfalto ardente, regado mas logo seco. Pequenas nuvens húmidas rasando a terra sem, contudo, se desfazerem em chuva. Sobre um fundo vermelho baço, pinceladas verdes, lilases, e reflexos carminados sobre as águas. No verão, a humidade do mar põe um brilho luminoso na atmosfera. Uma capa viscosa cobre todas as coisas.

Depois, no outono, o ar seco e vibrante, uma eletricidade estática e ácida que inflama a pele sob as ténues roupas. A carne acordada ensaia as suas forças nas grades que a encarceram. Uma meretriz embriagada cambaleia pela ruela, espalhando fragmentos de uma canção, como se fossem pétalas de rosas. Teriam sido estes inebriantes acordes que António ouviu, decidindo-o a render-se à cidade que já o tinha conquistado de corpo e alma?

Os corpos incompletos dos jovens procuram a cumplicidade de uma nudez condescendente, e nos pequenos cafés, onde Balthazar ia tantas vezes na companhia do velho poeta da cidade¹, os rapazolas começam a jogar aos dados, à luz das candeias de petróleo; mas, sem tardança, o vento do deserto – prosaico e áspero – constringe-os a largar as pedras, e ficam inertes, a observar os desconhecidos. A respiração é dolorosa e em cada baforada estival reconhecem o sabor ressequido da cal viva...

¹ «O velho poeta da cidade», C. P. Cavafy.

Tive de vir para aqui para reconstruir integralmente esta cidade na minha memória – esta melancólica província que o velho¹ considerava cheia das «ruínas negras» da sua vida. O estrondear dos elétricos vibrando nas suas artérias metálicas, penetrando no *meidan* cor de ferrugem de Mazarita. Ouro, fósforo, magnésio, papel. Aqui nos encontrámos muitas vezes. Havia um pequeno bar onde ela gostava de vir, no verão, tomar sorvete e comer talhadas de melancia. Chegava sempre atrasada, regressando, provavelmente, de qualquer encontro num gabinete de persianas cerradas, mas eu fazia por não adivinhar essas coisas quando a sua boca, maravilhosamente fresca e jovem, procurava saciar nos meus lábios uma infinita sede estival. Talvez na sua memória ainda agonizasse a imagem do homem que acabava de deixar, e no seu corpo arrefecesse ainda o calor dos beijos recebidos. Mas isso não tinha a menor importância; só contava, agora, a suave curva do seu braço que envolvia o meu, e eu gozava uma felicidade completa porque nela não existiam segredos. Era bom estarmos assim, perturbados e ligeiramente embaraçados, um pouco oprimidos pelo conhecimento partilhado do nosso desejo recíproco. As mensagens não se detinham na consciência, atravessavam espontaneamente os lábios entreabertos, os olhos, os sorvetes e a lojeca de toldo vivamente colorido. Éramos uma parte da cidade, e ali estávamos, com os dedos entrecruzados, respirando a tarde perfumada de aromas de cânfora...

Esta noite, estive a reler os meus apontamentos. Alguns serviram para acender o fogão, outros foram destruídos pela criança. Mas é uma espécie de censura que me apraz, porque tem a indiferença das forças naturais para com o mundo da Arte – uma indiferença que eu começo a partilhar. No final das contas, que interesse tem para Melissa uma bonita metáfora, quando se encontra agora profundamente enterrada, como uma múmia, na areia tépida e sombria do negro estuário?

Mas estes papéis que eu guardo com cuidado são os três cadernos do diário de Justine e as páginas que registam a loucura de Nessim. Foi o próprio Nessim quem me entregou todos esses documentos, quando parti, dizendo-me:

– Guarde e leia. Há muito de nós todos nessas páginas. Ajudá-lo-ão, como sucedeu comigo, a suportar a perda de Justine, sem ser obrigado a esquecê-la.

¹ «O velho», C. P. Cavafy.

Foi no Palácio de Verão, depois da morte de Melissa, quando ele ainda cria no retorno de Justine. Penso muitas vezes, e sempre com um certo terror, no amor de Nessim por Justine. Que poderia existir de mais compreensivo, de mais bem fundado? Na sua dor havia aquela espécie de êxtase que geralmente se considera um atributo dos santos mas que se encontra, também, nos verdadeiros amantes. Um pouco de espírito poderia mitigar-lhe o sofrimento. Mas é fácil criticar, eu sei. Eu sei.

Na grande tranquilidade das noites de inverno, o mar é um enorme relógio. A sua perturbadora agitação, que se prolonga no espírito, é a fuga sobre que este escrito se compõe. Cadências vazias das ondas que lambem as suas próprias feridas, indolentes nas extensões planas do delta, ferventes nas praias desertas – para sempre vazias sob o voo melancólico das gaivotas: garatujas brancas sobre fundo cinza, espumadas pelas nuvens... Se, por equívoco, uma vela se aproxima destas paragens, logo se desvanece, antes de cair sob a sombra da terra. Destroços arrancados do frontão das ilhas, a última camada, corroídos pelas intempéries, abandonados no ventre azul do mar... desaparecidos!

Além da velha enrugada que vem todos os dias da aldeia, trotando na sua mula, para fazer os arranjos domésticos, mais ninguém nos faz companhia. A criança leva a vida feliz e plena de uma flor transplantada. Ainda não lhe dei um nome, mas claro que a batizei de Justine – que outro nome lhe conviria?

Quanto a mim, não me sinto feliz nem infeliz; estou suspenso como um cabelo ou uma pena, na amálgama nebulosa dos meus pensamentos. Falei da inutilidade da Arte mas esqueci-me de reconhecer as consolações que ela proporciona. O alívio que deriva do género de trabalho que produzo com o cérebro e o coração reside nisto: só no silêncio ativo do pintor ou do escritor é que a realidade pode ser reelaborada e revelada no seu aspecto verdadeiramente significativo. As nossas ações quotidianas nada mais são do que os ouropéis que velam o vestido de ouro – a essência da forma. É na sua arte que o artista encontra, pela imaginação, um feliz compromisso com tudo quanto o feriu na vida quotidiana, e não para escapar ao seu destino, como faz o homem vulgar, mas para realizá-lo da forma mais adequada e completa que lhe for possível. Se não, porque nos havíamos de ferir uns aos outros? Não, a paz que eu procuro e que talvez

venha a encontrar jamais me será dada, nem pelos olhos de Melissa, onde a temperatura brilhava, nem pelas pupilas ardentes e negras de Justine. Tomámos, todos nós, caminhos diferentes; mas aqui, no grande primeiro desastre da minha idade madura, sinto que a recordação delas enriquece e aprofunda, para além de todos os limites, os confins da minha arte e da minha vida. Realizo-as de novo em pensamento; é somente aqui – nesta mesa de pinho, colocada debaixo da sombra de uma oliveira e sobranceira ao mar – que eu posso fazê-las reviver em toda a merecida pujança. Assim, o sabor deste escrito ficará devendo alguma coisa aos seus modelos vivos – ao seu hálito, à sua pele, à sua voz – que se virão mesclar na frágil trama da memória humana. Quero ressuscitá-las de tal modo que a dor se transmude em arte... Talvez seja inútil tentar uma tal empresa, mas, de qualquer maneira, não posso deixar de fazê-lo...

Hoje, eu e a criança acabámos de construir a lareira da casa, falando tranquilamente enquanto trabalhávamos. Falo-lhe como falaria comigo mesmo se estivesse só; ela responde-me numa linguagem heróica de sua invenção. Enterrámos debaixo da lareira os anéis que Cohen tinha comprado para Melissa, de acordo com os usos da ilha. É uma forma de assegurar boa sorte aos habitantes da casa.

Na época em que encontrei Justine, eu era quase um homem feliz. A repentina intimidade com Melissa abriu-me uma porta, e essa intimidade não era menos maravilhosa pelo facto de ser inesperada e totalmente imerecida. Como todos os egoístas, eu não tolerava viver só; na verdade, o meu último ano de celibato tinha-me enervado – a minha incapacidade para o governo doméstico, a minha inaptidão para tratar de roupas, comida e dinheiro haviam concorrido para me reduzir ao desespero. Estava farto dos meus aposentos infestados de carochas, tendo por companhia um criado berbere, Hamid, o Zarolho.

Melissa tinha derrubado as minhas frágeis defesas, não pelas qualidades que geralmente se atribuem às amantes – encanto, beleza excepcional, inteligência –, mas em virtude daquilo a que chamo a sua caridade, no sentido grego da palavra. Costumava vê-la passar, muitas vezes, recordo-me, pálida, puxando para o magro, vestindo um modesto casaco de pele de foca e levando o seu cãozito pela trela, no meio das ruas invernosas. As suas mãos de tuberculosa, marcadas pelas veias azuis, etc. Os traços curvos e ousados das suas sobranceiras davam aos bonitos olhos um ar ao mesmo tempo cândido e atrevido. Durante meses vi-a diariamente, mas a sua beleza

taciturna nunca me excitou. Cruzava-me com ela todos os dias quando ia ter com Balthazar ao Café Al Aktar, onde o digno homem me «iniciava». Nunca pensei em que um dia me viria a tornar seu amante.

Sabia que ela tinha sido modelo no Atelier – profissão pouco invejável – e que era agora dançarina; mais, sabia que era amante de um velho peleiro, um vulgar e grosseiro negociante da cidade. Anoto estes pormenores simplesmente para registar um aspecto da minha vida para sempre afundado. Melissa! Melissa!

Recordo aquela época em que o mundo conhecido apenas existia para nós quatro; os dias não passavam de espaços entre sonhos, espaços entre os marcos movediços do tempo, das ocupações, da tagarelice... Um fluxo e refluxo de assuntos insignificantes, uma vadiagem, sem finalidade, ao longo de coisas mortas, sem nos levar a parte nenhuma, sem nada nos oferecer, uma existência que esperava de nós o impossível: que existíssemos! Justine dizia que tínhamos sido apanhados pela projeção de uma vontade demasiado poderosa e demasiado intencional para ser humana – a zona de atração que Alexandria criava para aqueles que tinha escolhido como seus símbolos.

Seis horas. Nos arredores da gare, há uma confusão de silhuetas brancas. Na Rua das Irmãs, as lojas enchem-se e esvaziam-se como grandes pulmões. Os pálidos raios do Sol da tarde trespassam as longas curvas da esplanada, e os pombos, ébrios de luz, juntam-se nos minaretes para banharem as asas nos derradeiros esplendores do Poente. Nos balcões dos cambistas, tilintam moedas. Os gradeamentos de ferro das janelas dos bancos estão ainda demasiado quentes para uma pessoa lhes poder tocar. Ouve-se o rodar das carruagens que levam os funcionários, com uma flor vermelha na botoeira, a caminho dos cafés da beira-mar. É a pior hora de suportar, quando do meu balcão eu a vejo caminhar na direção da cidade, com as suas sandálias brancas, ainda meio adormecida. A cidade sai da sua concha como uma velha tartaruga, e deita uma olhadela cá para fora. Por um momento, abandona os pedaços arrancados da sua carne, enquanto de uma ruela escondida junto do matadouro, dominando os mugidos e balidos, sobem fragmentos nasalados de uma canção de amor síria; quartos de tons penetrantes, como se produzidos por um nariz cheio de orifícios.

Depois, homens fáticos que levantam os toldos nas varandas e dão um passo, piscando na luz pálida e quente – flores lânguidas duma sesta

angustiosa, cabeças doloridas pelos húmidos sonhos, sonhados nos leitos torpes. Tornei-me um desses pobres amanuenses da consciência, um cidadão de Alexandria. Ela passa debaixo da minha janela, sorrindo a alguma secreta satisfação, abanando docemente as faces com o pequenino leque vermelho. Um sorriso que, provavelmente, não tornarei a ver, até porque, quando está acompanhada, limita-se a rir, descobrindo os seus magníficos dentes brancos. Mas este sorriso triste e furtivo tem uma qualidade que a ninguém ocorrerá atribuir-lhe – o poder da malícia! Seria mais fácil concebê-la de uma natureza mais trágica, sem qualquer espécie de humor vulgar. Mas a recordação obstinada desse sorriso faz-me duvidar, presentemente, do acerto da minha observação.

Tinha encontrado Justine frequentemente e conhecia-a bastante bem, de vista, antes de nos relacionarmos: a nossa cidade não permite o anonimato, quando se possui um rendimento anual superior a duzentas libras. Vejo-a sentada, sozinha, à beira-mar, lendo um jornal e trincando uma maçã; ou no vestibulo do Cecil Hotel, entre as palmeiras poeirentas, com uma capa debruada a prata, que usava lançada sobre as costas, como os camponeses, e com o longo indicador enfiado na barbela. Nessim tinha parado à porta do salão de dança, cheio de luz e de música. Não a tinha visto. Num nicho protegido pelas palmeiras, um par de velhos jogava o xadrez. Justine parara para observá-los. Não sabia as regras do jogo, mas a aura de concentração e de imobilidade que envolvia os jogadores fascinou-a. Permaneceu ali, um longo momento, diante dos velhos, surdos ao mundo e ao universo cheio de música, como indecisa e não sabendo em qual desses mundos entrar. Finalmente, Nessim aproximou-se docemente para lhe tomar o braço, e os dois ficaram assim por um instante, ela a olhar para os jogadores, ele a olhar para ela. Depois, ela voltou-se com um suspiro de resignação, e dirigiu-se prudentemente para o mundo do ruído e da luz.

E noutras circunstâncias igualmente menos honrosas para ela e para nós; e, contudo, como é bem verdade que as mulheres mais másculas e engenhosas podem ser maravilhosamente femininas! Ela não cessava de me falar nessas rainhas terríveis que deixavam, ao passar, o odor amoniacal dos seus amores incestuosos como uma nuvem flutuando no inconsciente de Alexandria. As gatas gigantes devoradoras de homens, como Arsínoe, eram as suas verdadeiras irmãs. E, contudo, por detrás das ações de Justine havia outra coisa, o produto de uma filosofia trágica mais amadurecida, a ideia de um equilíbrio, mercê do qual a moral devia suplantar

a personalidade e as suas tendências perversas. Era a vítima sincera das suas dúvidas corajosas. E, apesar de tudo, vejo perfeitamente a ligação entre o quadro de Justine, debruçando-se sobre o vaso imundo onde flutuava um feto, e a pobre Sofia de Valentino, morrendo por um amor tão perfeito quanto insensato.

Georges Pombal, empregado subalterno do consulado, partilha comigo um pequeno apartamento na Rua Nebi Daniel. O facto de ser possível que possua uma coluna vertebral torna-o um fenómeno raro da sociedade diplomática. Para ele, as chinesices do protocolo e as receções – tal como num pesadelo surrealista – possuem um encanto exótico. Vê a diplomacia através dos olhos de Douanier Rousseau. Toma parte no jogo sem deixar que o que lhe resta de personalidade sofra com isso. Creio que o segredo do seu sucesso reside na sua preguiça, que toca o sobrenatural.

No Consulado-Geral senta-se por detrás de uma secretária, constantemente coberta por cartões com os nomes dos colegas. Aquele seu grande corpo, afeito às prolongadas sextas e a Crebillon filho, é a encarnação da preguiça. Os seus lenços cheiram prodigiosamente a alfazema. As mulheres constituem o tema favorito das suas conversas, e pode falar com experiência, a julgar pelo número de visitantes que vejo desfilar pelo pequeno apartamento onde raramente se encontra a mesma cara duas vezes. «Para um francês, o amor oferece aqui um grande interesse. Elas agem antes de pensar. E quando chega o momento da dúvida, e o instante torturante do remorso, as coisas avançaram de mais, e ninguém se sente com coragem de voltar para trás. Falta um pouco de finura a essa animalidade, mas é justamente o que me convém. Estou enjoado do amor, e, sobretudo, *mon cher* não quero ouvir falar nessa mania copta e judaica da *dissecação* e da análise. Quero regressar à minha casa da Normandia sem qualquer compromisso.»

No inverno, por longos períodos, Pombal vai para férias e eu disponho, só para mim, do pequeno apartamento húmido, e faço serão a corrigir os cadernos escolares, tendo apenas por companhia o ressonar de Hamid. Neste último ano atingi a saturação. Falta-me a força de vontade para fazer alguma coisa na vida, para melhorar a minha situação à força de trabalho, para escrever e até para fazer amor. Não sei o que me sucede. Experimento pela primeira vez uma indiferença total pela minha própria sobrevivência. Folheio, às vezes, as páginas de um manuscrito ou as velhas provas de algum romance ou de um opúsculo de poemas, mas sem interesse, com uma espécie de enfado; e também com tristeza, como quando se abre um passaporte antigo.

De vez em quando, alguma das numerosas amiguinhas de Georges vem cair na minha rede, quando, na sua ausência, o vêm procurar ao apartamento, e o incidente não tem outras consequências senão agravar por algum tempo o meu *taedium vitae*. Georges é precavido e generoso neste ponto, e antes de partir (conhecendo a minha pobreza) sucede que muitas vezes paga adiantadamente a uma das sírias da taverna do golfo para vir uma ou outra vez passar uma noite no apartamento *en disponibilité*, como ele diz. A rapariga tem por missão elevar-me o moral, o que não é uma tarefa invejável, tanto mais que à superfície não existe nada que indique que o meu moral se encontre por baixo. As conversas banais tornaram-se uma forma salutar de automatismo que persiste ainda por muito tempo depois de toda e qualquer palavra se ter tornado supérflua; e, quando necessário, fazer amor dá-me uma espécie de alívio, visto que nestas paragens é difícil dormir: mas sem paixão, distraidamente.

Algumas destas aventuras com pobres criaturas extenuadas, levadas até ao fim por necessidade física, são interessantes, mesmo comoventes, mas perdi o gosto de classificar as minhas emoções, e elas agora não passam, para mim, de silhuetas projetadas numa tela. «Só se podem fazer três coisas com uma mulher», disse um dia Clea. «Podemos amá-la, sofrer por ela, ou então fazer literatura.» Eu passava pela experiência de um fracasso em todos estes domínios do sentimento.

Se falo em tudo isto, é simplesmente para mostrar em que espécie humana Melissa ia tentar insuflar a vida. E ela não podia ligeiramente acrescentar um fardo à sua vida, atormentada pela doença e desprovida de alegria. Necessitava de muita coragem para se interessar por mim no estado em que se encontrava. Era talvez o fruto do seu próprio desespero, porque, tal como eu, também tinha tocado o fundo da desgraça. Tínhamos ambos falhado.

Durante semanas, o velho peleiro seguiu-me pelas ruas, armado com uma pistola que fazia uma saliência no bolso do sobretudo. Era consolador saber por um dos amigos de Melissa que a pistola estava descarregada, mas, de qualquer maneira, era alarmante ser perseguido por este velho. Devemos ter-nos fuzilado em imaginação em cada esquina da cidade. Da minha parte, não tolerava aquela face grosseira, inchada, com os olhos assentando sobre pesadas bolsas acastanhadas, luzentes de gordura, nem podia, tão-pouco, suportar a ideia da sua intimidade vulgar e bestial com a rapariga: aquelas mãos curtas e pesadas, húmidas de suor, cobertas de cerdas negras e ásperas como as de um javali! Esta situação durou por algum tempo, e, de repente, um sentimento extraordinário de intimidade pareceu começar a desenvolver-se em nós. Cumprimentávamo-nos e sorriámos quando